

RESSALVA

Atendendo solicitação do(a) autor(a), o texto completo desta dissertação será disponibilizado somente a partir de 14/09/2019.

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**

GABRIEL FERREIRA GURIAN

**BEBIDAS E BEBEDORES NO NORTE DO BRASIL À ÉPOCA
DA CONQUISTA HOLANDESA, 1624-1654**

FRANCA

2018

GABRIEL FERREIRA GURIAN

**BEBIDAS E BEBEDORES NO NORTE DO BRASIL À ÉPOCA
DA CONQUISTA HOLANDESA, 1624-1654**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, *campus* de Franca, como pré-requisito para a obtenção do título de Mestre em História.

Área de Concentração: História e Cultura

Linha de pesquisa: História e Cultura Social

Orientador: Prof. Dr. Jean Marcel Carvalho França

FRANCA

2018

Gurian, Gabriel Ferreira.

Bebidas e bebedores no norte do Brasil à época da conquista holandesa, 1624-1654 / Gabriel Ferreira Gurian. – Franca : [s.n.], 2018.

139 f.

Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais.

Orientador: Jean Marcel Carvalho França

1. Brasil - História - Domínio holandês - 1624-1654.
 2. Bebidas alcoólicas. 3. Bebidas alcoólicas - Consumo.
- I. Título.

CDD – 981.032

GABRIEL FERREIRA GURIAN

**BEBIDAS E BEBEDORES NO NORTE DO BRASIL À ÉPOCA
DA CONQUISTA HOLANDESA, 1624-1654**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, *campus* de Franca, como pré-requisito para a obtenção do título de Mestre em História.

Área de concentração: História e Cultura.

Linha de Pesquisa: História e Cultura Social.

BANCA EXAMINADORA

Presidente: Prof. Dr. Jean Marcel Carvalho França

1º Examinador

2º Examinador

Franca, 14 de março de 2018.

*Para meus pais, que tanto valorizam
a formação de seus filhos.*

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Jean Marcel Carvalho França, pela primorosa orientação, pela confiança em meu trabalho, e por ser uma figura intelectual, acadêmica e profissional em quem me inspiro.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e ao Programa de Pós-Graduação em História da UNESP de Franca, pelo apoio no desenvolvimento desta pesquisa.

À Prof.^a Dr.^a Denise Aparecida Soares de Moura e ao Prof. Dr. Ricardo Alexandre Ferreira, pelas considerações feitas no exame de qualificação, as quais influenciaram largamente a redação final e organização deste trabalho. Reitero os agradecimentos ao professor Ricardo por também ter integrado a banca de defesa desta dissertação, juntamente como o Prof. Dr. José Manuel Damião Soares Rodrigues, a quem também sou muito grato.

Aos membros do grupo de pesquisa *Escritos sobre os Novos Mundos*, pelas valiosas discussões e contribuições a este estudo e à minha formação, especialmente à Prof.^a Dr.^a Susani Silveira Lemos França, outra figura exemplar em minha trajetória, além de sempre muito receptiva em sua casa e preocupada com a condução dos trabalhos de todos, e ao Thiago Henrique Alvarado, por toda a ajuda e amizade.

A Ana Carolina de Carvalho Viotti, Guilherme Correa Bianchini, Janaína Salvador Cardoso, José Inácio Neto, Rodolfo Nogueira da Cruz e Waslan Saboia Araújo, que, além de caríssimos amigos, foram meus leitores e críticos sempre que o tempo e os próprios trabalhos lhes permitiram. Companheiros por quem torço absurdamente.

Aos meus pais, Carlos Alberto Gurian e Maria Beatriz Ferreira Gurian, e à minha irmã, Vitória Ferreira Gurian, pelo amor incondicional e pelo incentivo e apoio a todos os passos dados até aqui em minha trajetória como historiador.

O Olimpo antigo, ao qual demos fim, primava antes pela sobriedade: comia apenas a ambrosia e bebia apenas o néctar. Foram os homens que, a este respeito, deram mau exemplo aos deuses.

Alexandre Dumas

GURIAN, Gabriel Ferreira. *Bebidas e bebedores no norte do Brasil à época da conquista holandesa, 1624-1654*. 2018, 139 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2018.

RESUMO

Na primeira metade do século XVII, a presença dos holandeses no norte do Brasil em função do empreendimento conduzido pela Companhia Neerlandesa das Índias Ocidentais com o intuito de conquistar aquelas terras legou um volumoso montante de cartas, relatórios, missivas, provisões, crônicas, tratados, diários e narrativas de viagem, fazendo do chamado “tempo dos flamengos” um dos períodos mais bem documentados da época colonial brasileira. Nestes textos, encontram-se descrições de aspectos administrativos da conquista batava, das condições de produção açucareira, dos conflitos e pelepas entre lusos e neerlandeses, e também de vários contornos do cotidiano das gentes que então coabitavam os territórios setentrionais da América portuguesa. Em meio a esses registros, vê-se também diversas notas sobre variadas práticas em torno das bebidas embriagantes, protagonizadas pelos diferentes grupos radicados naquelas paragens – portugueses, neerlandeses, povos indígenas e escravos africanos –, e registradas por múltiplos letrados, desde a investida e ocupação batava na Baía de Todos os Santos, em 1624, até sua derrota e expulsão de Pernambuco, em 1654. Considerando a vasta e variada documentação, a pluralidade dos atores que bebiam e a particular presença dos holandeses no contexto colonial brasileiro, o presente estudo objetiva mapear os contornos do beber nos registros escritos ao longo dos trinta anos da sistemática presença batava na colônia portuguesa deste lado do Atlântico. Busca-se, pois, identificar os diferentes papéis dos licores e da embriaguez em cada grupo social, os usos e aplicações das bebidas, além dos juízos e impressões sobre as várias práticas de beber que foram observadas e relatadas pelos coevos.

PALAVRAS-CHAVE: Bebidas – Embriaguez – Brasil holandês

GURIAN, Gabriel Ferreira. *Drinks and drinkers in northern Brazil during the Dutch conquest, 1624-1654*. 2018, 139 pages. Dissertation (Masters in History) – Faculty of Human and Social Sciences, São Paulo State University, Franca, 2018.

ABSTRACT

In the first half of the seventeenth century, the presence of the Dutch in the north of Brazil as a result of the enterprise led by the Dutch West India Company aiming to conquer those lands bequeathed a large number of letters, reports, missives, provisions, chronicles, treatises, journals and travel narratives, making the so-called “Flemish time” one of the best documented periods of Brazilian colonial times. In these texts there are descriptions of administrative aspects of the conquest, conditions of sugar production, conflicts and combats between Portuguese and Dutch, as well as of various outlines of the daily life of the peoples who then cohabited the northern territories of Portuguese America. In the midst of these testimonies, there are also several notes on various practices related to drinking carried out by the different groups settled in those lands – Portuguese, Dutch, indigenous peoples and African slaves – and registered by multiple literates, from 1624, during the Flemish attack and occupation of the Baía de Todos os Santos, until the Dutch defeat and expulsion from Pernambuco in 1654. Taking into account the vast and varied documentation, the plurality of actors who drank and the particular presence of the Flemings in the Brazilian colonial context, this study aims to map the different aspects of drinking in the documents written throughout the thirty years of systematic Dutch presence in the Portuguese colony on this side of the Atlantic. The objective is, therefore, to identify the different roles played by liquors and drunkenness in each social group, beverage uses and applications, in addition to the judgments and impressions of the various drinking practices that were observed and reported by the contemporaries.

KEY-WORDS: Drinks – Drunkenness – Dutch Brazil

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
CAPÍTULO 1 – DAS BEBIDAS EMBRIAGANTES E SEUS CONSUMIDORES NO NORTE DO BRASIL	16
CAPÍTULO 2 – DAS APLICAÇÕES E USOS DAS BEBIDAS	53
CAPÍTULO 3 – DOS JUÍZOS E IMPRESSÕES SOBRE AS PRÁTICAS DE BEBER.	84
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	113
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	116
Documentos	116
Documentos complementares.....	120
Estudos	121
APÊNDICES	127

APRESENTAÇÃO

Não há Wanderley que não beba; Albuquerque que não minta; Cavalcanti que não deva.¹

Ao tratar da aclimação dos europeus ao Brasil tropical em *Casa-grande e senzala* (1933), Gilberto Freyre cita como popular no “folclore do povo rural” nordestino a impressão de que os Wanderley, família de descendência holandesa e uma das poucas que se mantiveram “brancas ou quase brancas” ao longo de gerações, por meio de casamentos incestuosos,² eram “degenerados pelo álcool”. O ditado que reverbera tal imagem da família tem algumas variantes, mas nelas o gosto dos Wanderley pelas bebidas é sempre reafirmado.³ Apesar de apontada como uma irregularidade pelo célebre autor, a impressão estereotipada da família como beberona parece ter sólidas e antigas raízes no imaginário popular do Nordeste. Mas quem são os Wanderley?

Freyre, na mesma obra, conta de forma breve que a família foi fundada em princípios do século XVII pelo holandês Gaspar van der Ley,⁴ “fidalgo de confiança de Maurício de Nassau”.⁵ Já ao prefaciar a importantíssima obra *Tempo dos flamengos* (1947), escrita por José Antônio Gonsalves de Mello, o mesmo Freyre trata um pouco mais dos Wanderley, afirmando que somam legiões no Brasil, principalmente radicadas no sul de Pernambuco, e que “só eles bastam para assegurar a sobrevivência de olhos azuis e de sangue flamengo em nosso país”, ainda que aponte a notável (e talvez incontornável) miscigenação na família, de maneira que não há “apenas sararás esbranquiçados entre os descendentes do insigne Gaspar”. O autor de *Casa-grande e senzala* também comenta sobre um tio seu, “tipicamente Wanderley pelo arrastado da voz fanhosa,⁶ pela lentidão dos gestos semelhantes aos dos fidalgos arruinados, pelo gosto de bebidas fortes, de cavalos grandes e de mulatas quase negras, faltando-lhe para ser o completo tipo clássico de Wanderley de Serinhaém ou Rio Formoso a gordura flamenga

¹ FREYRE, Gilberto. *Casa-grande e senzala*: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 51ª edição. São Paulo: Global, 2006, p. 336.

² Segundo Freyre, esses casamentos não eram motivados por preconceitos de raça, como é possível supor, mas sim por preconceitos sociais e de família, “observados sempre nas velhas zonas rurais do Brasil em que os casamentos de primos com primas e tios com sobrinhas se sucederam através de gerações”. Idem

³ Idem.

⁴ Há algumas variações da grafia do nome do fidalgo, a depender dos documentos examinados, suas traduções para o português e dos autores que tratam do patriarca dos Wanderley em estudos contemporâneos. O próprio Freyre escreve-o de maneiras distintas em *Casa-grande e senzala* e no prefácio da obra de José Antônio Gonsalves de Mello, a saber, “Gaspar van der Lei” e “Gaspar van Niehof van der Ley”, respectivamente.

⁵ FREYRE, Gilberto. op. cit., 2006, p. 336.

⁶ Freyre trata mais do “modo de falar” dos Wanderley em *Sobrados e Mucambos*. Ver: FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos*: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano. 14ª edição. São Paulo: Global, 2004, p. 189, 190.

[...]”.⁷ Além de apontar a endogamia da família de ancestralidade batava, Freyre reitera seu estereótipo beberrão.

Ainda em *Tempo dos flamengos*, seu autor, um respeitado estudioso da conquista holandesa no Brasil, dá mais informações a respeito de Gaspar, seu estabelecimento em Pernambuco e seu casamento com uma portuguesa. Como conta Gonsalves de Mello, o patriarca dos Wanderley, um *ritmeester*, “capitão de cavalos” no exército da *West-Indische Compagnie* (WIC), a Companhia Neerlandesa das Índias Ocidentais, adquiriu alguns engenhos no Cabo de Santo Agostinho e fixou-se no meio rural, algo raro entre os holandeses na América portuguesa. Tudo indica, segundo o historiador pernambucano, que Van der Ley “apreciava o conforto que desfrutava nos seus engenhos e raramente aparecia no Recife”, deixando-se “prender à vida da sua vila”, enchendo-se “de interesse por ela, como é de admirar em um homem transplantado”.⁸ Casou-se – em cerimônia conduzida por padre católico – com uma filha de um senhor de engenho chamado Manuel Gomes de Mello, residindo, assim, no engenho Algodoads e dando início à família Wanderley.

O que, no entanto, a duradoura associação entre os descendentes do “insigne Gaspar” e as bebidas embriagantes tem a nos dizer? A documentação da época revela pouco sobre Van der Ley além de sua reclusão rural, atuação política como escabino⁹ no Cabo, relação com o Alto e Secreto Conselho,¹⁰ casamento e conversão ao papismo, além de sua permanência no Brasil após a expulsão dos flamengos e a assinatura da capitulação de Tabora, em 1654. Então, de onde vem o estereótipo de beberrão de seus descendentes? A resposta talvez esteja nos contemporâneos do patriarca. Em *Sobrados e mucambos* (1936), Gilberto Freyre afirma que o “vício do álcool [...] tomou um desenvolvimento alarmante” no Recife “durante a ocupação dos holandeses”, tornando a cidade “um burgo de beberrões”, onde “pessoas da melhor posição social eram encontradas bêbadas pelas ruas”. Ao tentar justificar tal afirmação, Freyre levanta a hipótese de que esse cenário de ebriedade teria se constituído em função da “maior

⁷ FREYRE, Gilberto. “Prefácio”. In: MELLO, José Antônio Gonsalves de. *Tempo dos flamengos: influência da ocupação holandesa na vida e na cultura do norte do Brasil*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2007, p. 16.

⁸ MELLO, José Antônio Gonsalves de. op. cit., 2007, p. 147.

⁹ Magistrado, membro de colegiado responsável por questões jurídicas locais. José Antônio Gonsalves de Mello considera a Câmara dos Escabinos uma instituição que funcionava, entre fins da década de 1630 e início da década seguinte, “como tribunal de justiça de primeira instância”, abaixo do Conselho Político. MELLO, José Antônio Gonsalves de (org.). *Fontes para a história do Brasil Holandês*. Volume II. 2ª edição. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 2004, p. 17.

¹⁰ Conselho formado por três membros titulares, além de um assessor, que compôs o governo do Brasil holandês a partir de 1637, sob o Conde de Nassau, e continuou sua administração por cerca de dois anos após a partida de João Maurício, até a instauração do Alto Governo em 1646. MELLO, José Antônio Gonsalves de. “Companhia das Índias Ocidentais”. HERKENHOFF, Paulo (org.). *O Brasil e os holandeses (1630-1654)*. Rio de Janeiro: GMT Editores; Sextante, 1999, p. 48.

predisposição dos nórdicos ao álcool”.¹¹ A partir dessas observações, talvez seja razoável supor que a reputação desfrutada pelos neerlandeses seiscentistas tenha sido legada aos seus mais ilustres descendentes no Brasil. De qualquer modo, a notável permanência dessa associação entre as bebidas e os batavos no imaginário pernambucano, e a impressão de Freyre sobre o Recife holandês, suscitam maior atenção pelos hábitos de beber no tempo dos flamengos. Esse é o tema do presente trabalho.

O consumo de licores no Brasil certamente não foi uma prática exclusiva dos holandeses. Desde o Quinhentos, as penas europeias puseram-se a descrever o que testemunhavam deste lado do Atlântico, com notável ênfase para o cenário e seus habitantes nativos, povos que fermentavam bebidas a partir de frutos e raízes da terra, chamando a atenção dos viajantes que por aqui passaram e despertando a preocupação dos clérigos que levavam a cabo a educação religiosa dessas gentes. Muitos escravos africanos eram oriundos de culturas que gozavam de repertórios próprios de licores e aqui continuaram a beber conforme lhes foi possível, como afirmam os registros. Já os portugueses radicados na colônia, principalmente os abastados, ainda que culturalmente menos inclinados ao beber imoderado do que os holandeses, mantiveram seu tradicional consumo de vinho de uvas. Os três grupos, como se sabe, figuraram em praticamente todos os cenários do período colonial. Contudo, o quadro formado pela adição dos holandeses ao jogo de contatos interculturais testemunhado no norte do Brasil na primeira metade do século XVII mostra-se peculiar e rico no que tange aos aspectos em torno das bebidas embriagantes.

Não são numerosos, no entanto, os estudos sobre o consumo de licores na colônia, e a atenção dada ao assunto no tempo dos flamengos é ainda menor. Em um ensaio sobre o estado da historiografia dedicada ao Brasil colonial publicado em 1973, Charles Boxer chegou a propor uma pausa nas pesquisas sobre a conquista holandesa, sob a alegação de que o período já havia sido suficientemente discutido, e que seus principais aspectos vinham sendo exemplarmente abordados ou revistos por nomes como Gonsalves de Mello e José Honório Rodrigues.¹² Contudo, com exceção das breves afirmações de Freyre em *Sobrados e mucambos*, algumas notas pontuais de Luís da Câmara Cascudo – um conhecedor dos textos da época, mas que

¹¹ FREYRE, Gilberto. op. cit., 2004, p. 280.

¹² BOXER, Charles. “Some reflections on the historiography of Colonial Brazil, 1950-1970”. In: ALDEN, Dauril (org.). *Colonial roots of Modern Brazil*. Berkeley, Los Angeles & London: University of California Press, 1973, p. 12. Vale ressaltar, entretanto, que, com a publicação de *Olinda restaurada*, de Evaldo Cabral de Mello, em 1975, Boxer voltou atrás em seu posicionamento e ainda elogiou calorosamente a obra. Ver: ALENCASTRO, Luiz Felipe de. “Desagravo de Pernambuco e glória do Brasil: a obra de Evaldo Cabral de Mello”. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.). *Leituras críticas sobre Evaldo Cabral de Mello*. Belo Horizonte: Editora da UFMG; São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2008, p. 37.

preferiu privilegiar outros recortes ao tratar das beberagens coloniais e da cachaça¹³ – e alguns comentários igualmente breves de estudiosos como os próprios Gonsalves de Mello e Honório Rodrigues, Joaquim Ribeiro,¹⁴ Evaldo Cabral de Mello,¹⁵ Leonardo Dantas Silva¹⁶ e mesmo Boxer,¹⁷ pouco interesse foi demonstrado pelas práticas cotidianas de ingestão no Brasil holandês – cabendo a estudos de história militar, por exemplo, reflexões sobre provisão e alimentação que, de alguma maneira, abordaram o tópico das bebidas.¹⁸ Tal lacuna historiográfica somada à inquietação gerada pela reputação dos Wanderley, herdeiros do suposto “burgo de beberrões” sediado em Pernambuco no tempo dos flamengos, motivaram o interesse em redigir o estudo que se segue.

Antes, porém, de passar adiante, convém fazer alguns esclarecimentos ao leitor a respeito do vocabulário empregado neste trabalho. O termo “conquista”, para se referir ao Brasil holandês como um todo – tanto os territórios sob administração batava quanto o período entre 1630 e 1654, aqui recuado até o ataque da WIC à Baía de Todos os Santos, em 1624, em função das narrativas do episódio que relatam diversas ocasiões e consequências do consumo de bebidas entre os invasores –, apesar de transmitir uma ideia errônea de êxito militar e estabilidade administrativa,¹⁹ é utilizado por ser a principal e mais recorrente designação dos coevos neerlandeses para as terras governadas pela Companhia das Índias Ocidentais na América portuguesa.²⁰ O recorte geográfico definido como “norte do Brasil” é referente, como no tempo dos flamengos, às capitânicas cujos territórios compõem a atual região Nordeste do

¹³ CASCUDO, Luís da Câmara. *Prelúdio da cachaça: etnografia, história e sociologia da aguardente no Brasil*. Coleção Canavieira, n. 1. Rio de Janeiro: Instituto do Açúcar e do Alcool, 1968b; _____. *História da Alimentação no Brasil*. Segundo volume. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1968a, p. 411-429.

¹⁴ RODRIGUES, José Honório; RIBEIRO, Joaquim. *Civilização holandesa no Brasil*. Série 5ª, Brasileira, vol. 180. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940, p. 217, 218.

¹⁵ MELLO, Evaldo Cabral de (org.). *O Brasil Holandês (1630-1654)*. 1ª reimpressão. São Paulo: Penguin Classics, 2010, p. 252-283; _____. *Olinda Restaurada: guerra e açúcar no Nordeste, 1630-1654*. 2ª edição, revisada e aumentada. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998, p. 266-317.

¹⁶ SILVA, Leonardo Dantas. *Holandeses em Pernambuco, 1630-1654*. 3ª edição. Recife: Instituto Ricardo Brennand, 2011.

¹⁷ BOXER, Charles. *Os holandeses no Brasil (1624-1654)*. Coleção Brasileira, volume 312. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1961, p. 175.

¹⁸ Ver: NASCIMENTO, Rômulo L. X. “‘Navegar, sim, comer... pouco’: algumas observações acerca da navegação e abastecimento no Brasil holandês”. In: POSSAMAI, Paulo César (org.). *Conquistar e defender: Portugal, Países Baixos e Brasil*. Estudos de história militar na Idade Moderna. São Leopoldo: Oikos, 2012, p. 157-175; MIRANDA, Bruno R. F. “Mantendo um exército: abastecimento de víveres durante a ocupação da Companhia Neerlandesa das Índias Ocidentais no Brasil (1630-1654)”. In: ____; et al (org.). *Essa parte tão nobre do corpo da monarquia: poderes, negócios e sociabilidades em Pernambuco colonial. Séculos XVI-XVIII*. Recife: Editora UFPE, 2016, p. 25-56.

¹⁹ Nas palavras de João Capistrano de Abreu, “a dominação holandesa era um fato; não era, nunca seria um fato consumado”. ABREU, J. Capistrano de. *Capítulos de história colonial (1500-1800)*. 6ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976, p. 80.

²⁰ MELLO, José Antônio Gonsalves de. op. cit., 1999, p. 42.

país,²¹ mas que então constituíam a região setentrional da colônia portuguesa, de ocupação majoritariamente litorânea. Já os grupos sociais aqui tratados assim o foram nos moldes em que foram descritos pelos coetâneos: os índios distintos como brasileiros e tapuias, e também referidos de forma geral como nativos, gentios, íncolas, etc.; os lusófonos tratados principalmente por portugueses, mas também por luso-brasileiros, sem grande distinção entre reinóis e nascidos na terra; os cativos africanos referidos como negros, escravos e denominações generalizantes similares; e todos aqueles envolvidos com o empreendimento da WIC, neerlandeses ou não – haja visto que grande parte dos soldados contratados como mercenários pela Companhia, assim como muitos funcionários da administração, eram estrangeiros²² –, designados como holandeses, flamengos,²³ batavos, etc., salvo casos de autores coevos citados, cuja nacionalidade e ocupação foram explicitados. O leitor mais familiarizado com as narrativas e estudos sobre o período pode notar a ausência dos judeus, mas, de antemão, é válido pontuar que os sefarditas não aparecerem como consumidores de bebidas nos documentos. Segundo os olhares coetâneos expressos na série discursiva²⁴ elencada neste estudo, os principais grupos de bebedores no Brasil dos holandeses são apenas os quatro previamente citados.

Convém ressaltar, também, que o leitor não encontrará nas páginas seguintes termos do presente empregados para designar os licores embriagantes. Dito de outro modo, quaisquer referências a processos ou substâncias inexistentes no repertório cultural dos contemporâneos do período aqui privilegiado, como o próprio álcool etílico (etanol) ou a sistematização microbiológica da fermentação alcoólica, não integram este estudo. Segundo o célebre padre D. Rafael Bluteau, em seu *Diccionario da lingua portugueza [...]*, pelo menos até a primeira metade do século XVIII, “alcofor” (do árabe, “alcohol”) se referia principalmente a uma “pedra metálica de cor negra”,²⁵ chamada *Stibium*, hoje conhecida como antimônio, e que era utilizada para fabrico de uma tintura cosmética para escurecer os olhos, denominada *cazol*.²⁶ Bluteau

²¹ Para melhor visualização dos territórios ocupados pelos holandeses no Brasil entre 1630 e 1654, ver mapa nos Apêndices.

²² Entre esses mercenários, havia ingleses, escoceses, alemães, dinamarqueses, franceses e outros. Para mais sobre as origens dos soldados recrutados pela Companhia das Índias Ocidentais para servirem no Brasil, ver: MIRANDA, Bruno R. F. *Gente de Guerra: origem, cotidiano e resistência dos soldados do exército da Companhia das Índias Ocidentais no Brasil (1630-1654)*. 1ª edição. Recife: Editora UFPE, 2014, p. 40-45.

²³ O termo “flamengo”, segundo José Antônio Gonsalves de Mello, é impreciso para se referir aos holandeses, pois cabe àquele oriundo da região de Flandres. Todavia, é uma denominação que fez parte do vocabulário da época para designar de maneira geral aqueles naturais das Províncias Unidas em geral, e é encontrada numerosas vezes na documentação, sendo, portanto, usada aqui nestes termos. MELLO, José Antônio Gonsalves de. op. cit., 2007, p. 11, 12.

²⁴ FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. 7ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008, p. 7-9.

²⁵ BLUTEAU, Rafael. *Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva, natural do Rio de Janeiro*. Tomo primeiro (A-K). Lisboa: Oficina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789, p. 53.

²⁶ *Ibid.*, p. 250.

também inclui em seu dicionário um verbete para “alcool”, nesta grafia, como entendido pela *Chymica*, e que, de antemão, redireciona o leitor a “alcofor”. Nele lê-se: “espírito de vinho o mais retificado”.²⁷ Ainda que, de certa maneira, faça referência a um produto destilado, o termo é bastante distante da generalizante conotação que lhe é atribuída no presente. E por não aparecer em nenhum texto do período aqui privilegiado,²⁸ optou-se por não utilizá-lo, de maneira a evitar possíveis anacronismos, ainda que seu uso pareça ser lugar comum nos trabalhos sobre as bebidas embriagantes no passado, a exemplo das obras de Fernand Braudel,²⁹ Henrique Carneiro³⁰ e do já citado Freyre. Feitas essas considerações, passemos ao estudo.

De saída, realizou-se um mapeamento da produção e do consumo de bebidas embriagantes, assim como das distintas relações com essas substâncias protagonizadas pelas diferentes culturas que coabitaram o norte do Brasil durante os anos da conquista holandesa. Além das múltiplas relações e significações atribuídas às práticas de beber – como a presença dos licores na alimentação cotidiana e seu uso comedido, ou ainda o consumo imoderado, em contextos festivos e lúdicos ou mesmo cerimoniais e catárticos –, o capítulo faz um levantamento dos vários tipos de bebidas então disponíveis, desde o vinho de uvas e as aguardentes importados da Europa, passando pelos inúmeros “vinhos” fabricados pelos gentios e pelas primeiras bebidas fermentadas e destiladas a partir dos substratos da cana-de-açúcar. Também foram cotejadas as diversas situações em que se bebia, quais licores eram associados a cada cultura e de que maneira essas substâncias flertaram com – e, em alguns casos, conquistaram – os paladares de outros grupos.

O segundo capítulo trata dos usos dos licores fora de contextos alimentares ou festivos. Além de ingredientes fundamentais à mesa e produtos consumidos nas tabernas, festejos e banquetes, os fermentados e destilados também apresentavam aplicações práticas no cotidiano das gentes do Brasil holandês. Os diferentes empregos das bebidas eram, também, condicionados pelas culturas que delas lançavam mão. Os europeus e sua tradição médica atribuíam propriedades terapêuticas aos licores e os utilizavam nas práticas de cura. Dissertaram

²⁷ BLUTEAU, Rafael. op. cit., 1789, p. 53.

²⁸ Com exceção de uma aparição na obra de Georg Marcgraf, cuja presença pode se justificar tanto pela primazia semântica de bebida *destilada*, possivelmente intencionada pelo autor, quanto por um eventual acréscimo do termo pela mão do tradutor da obra. MARCGRAF, Georg. *História natural do Brasil*. Edição comemorativa do Museu Paulista. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1942, p. 274.

²⁹ BRAUDEL, Fernand. “Bebidas e dopantes”. In: *Civilização Material, Economia e Capitalismo. Séculos XV-XVIII*. Volume I. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 202-236.

³⁰ CARNEIRO, Henrique. *Bebida, abstinência e temperança na história antiga e moderna*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010; _____. *Bebidas alcoólicas e outras drogas na época moderna: economia e embriaguez do século XVI ao XVIII*. 2004. Disponível em: < http://www.neip.info/downloads/t_henrique_historia.pdf > Acessado em abril de 2016. Ver também: _____. VENÂNCIO, Renato Pinto (org.). *Álcool e drogas na história do Brasil*. São Paulo: Alameda; Belo Horizonte: Editora PUCMinas, 2005.

sobre seus benefícios no alívio de vários males que lhes afligiam nos trópicos – sem deixar de lado, também, os malefícios do exagero –, especialmente nas receitas que diplomados recomendaram para o tratamento de algumas doenças que observaram durante sua estadia deste lado do Atlântico. As bebidas também foram usadas como “encorajadoras” da labuta e do exercício da guerra, seja no mar – onde eram parte das rações, aliviavam os percalços das longas viagens e motivavam as atividades e os ânimos das tripulações – ou em terra. Esse “encorajamento” se dava tanto entre os europeus quanto entre os nativos, mas de maneiras distintas. Os “vinhos da terra” também tiveram papel importante entre os grupos indígenas, como ingrediente das celebrações de memória coletiva, fomentando uma embriaguez grupal que propiciava momentos de cânticos e lembranças dos grandes feitos individuais e coletivos, principalmente aqueles nos âmbitos da guerra e da vingança. Em contraste a essa rememoração, havia a recorrente busca por bebidas locais por parte dos soldados da WIC, que enfrentavam condições cotidianas precárias e bebiam para aliviar e esquecer dos sofrimentos da mente e do corpo enfrentados no Brasil.

O terceiro e último capítulo tem seu foco voltado para os juízos morais e as impressões sobre as várias práticas de beber, isto é, discorre sobre o que os letrados escreveram sobre os consumos de bebidas que observaram entre as distintas culturas durante a conquista. Tratou-se de mapear aí de que maneira os europeus registraram a embriaguez, os festejos e rituais dos nativos, o beber, cantar e dançar dos negros, e, ainda, como os portugueses encaravam os hábitos ébrios dos neerlandeses e como estes viam o consumo de licores protagonizados por seus próprios compatriotas. Ao longo de tal mapeamento, é possível perceber alguns condicionantes das impressões e das condenações registradas, como o lugar de origem, cultura e orientação religiosa daquele que escreve e daquele sobre quem se escreve, além da natureza do que se bebia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda que um primeiro olhar para os documentos ou mesmo para os estudos fundamentais sobre o tempo dos flamengos dê a impressão de que, na época, pouco se escreveu sobre as práticas de ingestão e outros aspectos do cotidiano daquelas gentes, é notável a riqueza de nuances perceptíveis nos registros legados pela conquista batava. A ingestão de bebidas embriagantes no Brasil dos holandeses mostrou-se uma preocupação recorrente do período. É verdade que não há um único texto redigido com o propósito de tratar dos licores e de seus consumidores. Contudo, a recorrência dessas notas em documentos de diversos gêneros, escritos por autores bastante heterogêneos ao longo dos trinta anos entre o ataque a Salvador e a assinatura da capitulação de Taborda, no Recife, demonstra uma notável atenção em relação a essas práticas e uma preocupação entre os letrados coetâneos de descrevê-las ou julgá-las.

De tão volumoso corpus documental, extraiu-se inúmeras perspectivas dos modos como os variados grupos sociais de então lidavam com as bebidas em seus meios: a sobriedade comum dos portugueses, com pequenas ressalvas para os abastados, que adquiriam e se fartavam de bebidas europeias; o beber imoderado dos holandeses – fazendo jus ao estereótipo da época que distinguia as culturas europeias setentrionais como beberronas e afins dos fermentados de cereais, e as mediterrâneas como comedidas e amigas do vinho de uvas –, indivíduos que, mesmo na falta das bebidas do Velho Continente, ajeitavam-se com as beberagens da terra; o distinto beber dos índios, com propósito e ocasião, além de seu vasto cardápio de “vinhos”; e a bebedeira catártica dos escravos, quando consumiam a garapa feita dos substratos da produção açucareira nos dias em que não eram obrigados a trabalhar. Ainda que de maneira menos enfática, também foi possível vislumbrar os moldes em que se deram alguns intercâmbios de substâncias e práticas entre esses coabitantes do Brasil setentrional da primeira metade do século XVII. Nesse sentido, também foi possível notar como portugueses e holandeses tentaram lidar com as difíceis condições de abastecimento em meio aos conflitos que travaram, e como elas foram fundamentais para que os batavos aderissem à fermentação de bebidas a partir de gêneros da terra, conforme aprenderam com os nativos.

Viu-se ainda como o consumo de licores extrapolava a alimentação e o festejo. Em benefício do corpo, os europeus receitavam as bebidas no trato de doenças e também as distribuía entre soldados, marinheiros e escravos para que fossem motivados ao trabalho ou ao exercício militar. Em prol da memória, os nativos produziam suas beberagens em abundância, embriagavam-se em grandes grupos e, assim, professavam a todos os feitos individuais e coletivos, presentes e passados. Também houve aqueles que, sujeitos às privações enfrentadas deste lado do Atlântico, utilizaram as bebidas para o fim oposto. Os soldados da

companhia bebiam para esquecer, ainda que brevemente, das suas precárias condições cotidianas.

Por fim, foi possível perceber quão diversas eram as perspectivas dos letrados coetâneos sobre a natureza das bebidas e os significados da embriaguez. Diversidade derivada, sem dúvida, dos modos como suas respectivas naturalidades e religiões encaravam a prática do consumo excessivo, tanto dos seus conterrâneos como dos indivíduos de outras nacionalidades. Viu-se como os beberes típicos – e as posturas decorrentes da ebriedade – das culturas iletradas e não conversas às religiões europeias eram encarados como manifestações de barbárie e incivilidade. Como a própria natureza daquilo que se bebia importava aos olhos coetâneos. E como as condenações emitidas por portugueses eram majoritariamente condicionadas por questões morais e religiosas, enquanto os juízos negativos proferidos por holandeses derivavam principalmente de preocupações práticas – sejam elas relativas ao zelo na condução do empreendimento da Companhia das Índias Ocidentais no Brasil, ou à manutenção da saúde dos seus compatriotas na América portuguesa –, o que pôde ser observado no protagonismo dos batavos nas notas e comentários condenatórios.

Cabe pontuar que, apesar dos contínuos e notáveis esforços, tanto das autoridades políticas e religiosas holandesas quanto de letrados humanistas, que ambicionavam a regulação da conduta de seus compatriotas,⁴⁵⁴ e de similares esforços do governo da WIC no Brasil, as posturas intemperantes dos batavos deste lado do Atlântico demonstram a pequena eficácia da regulação moral dos indivíduos vinculados à República das Províncias Unidas dos Países Baixos e ao Calvinismo – o que pode ser percebido também pela disseminação estereotipada dos neerlandeses como bebedores pelo resto da Europa. Nação e fé intimamente atreladas às ideias de racionalidade e comedimento, que respeitavam os preceitos dos textos sagrados como normas para a fé e o comportamento,⁴⁵⁵ de maneira que resguardassem a vigilância de si, servissem à eficiência do trabalho e sustentassem a liberdade cristã – pontos que, de certa maneira, faziam convergir as preocupações humanistas e calvinistas⁴⁵⁶ –, viram um papel bastante distante desempenhado por seus filhos na América portuguesa. A narrativa de uma Holanda calvinista como nação racional e moderna, comedida e debruçada com afinco sobre seus empreendimentos, se desfaz deste lado do Atlântico. A permanência dos holandeses no Brasil, “além da linha equinocial, [onde] não se peca”, assistiu a desvios morais que vão na

⁴⁵⁴ Ver: SCHAMA, Simon. *O desconforto da riqueza: a cultura holandesa na Época de Ouro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 191-222

⁴⁵⁵ *Norma credendi et agendi*. SCHALKWIJK, Frans Leonard. *Igreja e Estado no Brasil holandês, 1630-1654*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004, p. 42.

⁴⁵⁶ SCHAMA, Simon. op. cit., 1992, p. 205, 206.

contramão da moralização pregada e almejada em sua pátria e que também parecem ter comprometido os rumos do empreendimento da Companhia das Índias Ocidentais, seja de maneira mais direta e generalizada, como no caso da breve tomada de Salvador, ou de maneira mais sistêmica e disseminada entre os escalões de militares e funcionários da WIC ao longo dos vinte e quatro desde a conquista de Pernambuco.

Eis, em linhas gerais, uma perspectiva do beber e das bebidas à época da conquista holandesa do Brasil setentrional, ou melhor, um panorama dos modos como os letrados coetâneos que ali estiveram ou que escreveram sobre a empreitada da Companhia das Índias Ocidentais deste lado do Atlântico na primeira metade do século XVII, mais precisamente entre 1624 e 1654, perceberam e registraram tais práticas. O tempo dos flamengos apresentou um quadro particular no que tange aos lugares sociais e comportamentos em torno das bebidas; um quadro de fabrico e consumo de beberagens, de usos e trocas dessas substâncias, de perspectivas e juízos acerca dos licores e das práticas de beber, cuja grande marca é a riqueza derivada da pluralidade dos atores envolvidos nas bebedeiras e daqueles que se puseram a relata-las.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Documentos

A BOLSA do Brasil onde se mostra claramente o rumo que tomou o dinheiro dos acionistas da Companhia das Índias Ocidentais (1647). Tradução do Pe. Geraldo Pauwels. *Revista da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, tomo XXXVII, 1º semestre de 1933, p. 36-59.

A PLAINE and true relation of the going forth of a Holland fleete the eleventh of november 1623, to the coast of Brasile. Rotterdam: J. B., 1626.

ALDENBURGK, Johann Gregor. *Relação da conquista e perda da cidade do Salvador pelos holandeses em 1624-1625*. Coleção Brasiliensia Documenta, volume primeiro. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1961.

ANCHIETA, Pe. José de. “Do Ir. José de Anchieta ao P. Inácio de Loyola, Roma (fim de março de 1555)”. In: LEITE, Serafim (org.). *Monumenta brasiliae*, volume II (1553-1558). Roma: Monumenta Historica Societatis Iesu, 1957, p. 173-209.

_____. “Informação da província do Brasil para nosso Padre (1585)”. In: *Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões do Padre Joseph de Anchieta, S. J. (1554-1594)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1933, p. 409-447.

BAERS, Joannes. *Olinda Conquistada*. Recife: CEPE, 2004.

BARLÉU, Gaspar. *História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil e noutras partes sob o governo do ilustríssimo João Maurício Conde de Nassau, etc., ora governador de Wesel, tenente-general da cavalaria das Províncias Unidas sob o príncipe de Orange*. Edições do Senado Federal, vol. 43. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2005.

BECK, Mathias. “Diário da expedição de Mathias Beck ao Ceará em 1649”. *Revista do Instituto do Ceará*. Tomo XVII. S/ local, s/ número, 1903.

BRANDÃO, Ambrósio Fernandes. *Diálogo das grandezas do Brasil*. Edições do Senado Federal, n. 134. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2010.

BULLESTRATE, Adriaen van. “Notas do que se passou na minha viagem, desde 15 de Dezembro de 1641 até 24 de Janeiro do ano seguinte de 1642”. In: MELLO, José Antonio Gonsalves de (org.). *Fontes para a história do Brasil Holandês*. Volume II. 2ª edição. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 2004, p. 147-197.

_____; HAMEL, Hendrick; JANSEN BAS, Pieter. “Relatório apresentado por escrito aos Nobres e Poderosos Senhores Deputados do Conselho dos XIX, e entregue pelos Senhores H. Hamel, Adriaen van Bullestrate e P. Jansen Bas, sobre a situação e a organização dos referidos países, tal como se encontravam ao tempo de seu governo e de sua partida dali”. In: MELLO, José Antonio Gonsalves de (org.). *Fontes para a história do Brasil Holandês*. Volume II. 2ª edição. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 2004, p. 205-300.

CALADO, Frei Manoel. *O Valeroso Lucideno e triunfo da liberdade*. Dois volumes. 5ª edição. Recife: CEPE, 2004.

CARDIM, Fernão. *Tratados da terra e gentes do Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria J. Leite, 1925.

CARPENTIER, Servaes. “Relatório sobre a Capitania da Paraíba em 1635, pelo Sr. Dr. Servaes Carpentier, Conselheiro Político e Diretor da mesma Capitania”. In: MELLO, José Antonio Gonsalves de (org.). *Fontes para a história do Brasil Holandês*. Volume II. 2ª edição. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 2004, p. 41-52.

CEULLEN, Mathias van; DUSSEN, Adriaen van der; NASSAU, João Maurício de. “Breve discurso sobre o Estado das quatro capitanias conquistadas, de Pernambuco, Itamaracá, Paraíba e Rio Grande, situadas na parte setentrional do Brasil (1638)”. In: MELLO, José Antonio Gonsalves de (org.). *Fontes para a história do Brasil Holandês*. Volume I. 2ª edição. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 2004, p. 77-129.

COELHO, Duarte de Albuquerque. *Memórias diárias da guerra do Brasil*. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1981.

DIÁRIO da viagem do capitão João Blaer aos Palmares em 1645. *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano*. Vol. X, n. 56. Recife: Typographia do Jornal do Recife, 1902, p. 87-96.

DIÁRIO ou breve discurso acerca da rebelião e dos pérfidos desígnios dos portugueses do Brasil (1645-1647). *Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano*. XXXII, 1887, p. 121-225.

DOCUMENTOS holandeses. 1º volume. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1945.

DUSSEN, Adriaen van der. “Relatório sobre o estado das capitanias conquistadas no Brasil, apresentado pelo Senhor Adriaen van der Dussen ao Conselho dos XIX na Câmara de Amsterdã, em 4 de abril de 1640.” In: MELLO, José Antonio Gonsalves de (org.). *Fontes para a história do Brasil Holandês*. Volume I. 2ª edição. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 2004, p. 137-232.

GRAEFF, Nicolaes de. “Viagem de Nicolaus de Graaff à costa do Brasil de 1649-1653”. Tradução de Alfredo de Carvalho. *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano*. Volume XIII. Recife: Typographia do Jornal do Recife, 1908, p. 78-83.

GUERREIRO, Bartolomeu. “Jornada dos Vassalos da Coroa de Portugal”. In: GALINDO, Marcos (org.). *Episódios Baianos: documentos para a história do período holandês na Bahia*. Recife: NÉCTAR, 2010, p. 37-225.

HAECX, Hendrik. “Diário de Henrique Haecx, Membro do Alto Conselho do Brasil (1645-1654)”. *Anais da Biblioteca Nacional*. Volume 69. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1950.

HJSTRUP, Peter Hansen. *Viagem ao Brasil (1644-1654): o diário de um soldado dinamarquês a serviço da Companhia das Índias Ocidentais*. Recife: CEPE, 2016.

HERCKMANS, Elias. “Descrição geral sobre a capitania da Paraíba”. In: MELLO, José Antonio Gonsalves de (org.). *Fontes para a história do Brasil Holandês*. Volume II. 2ª edição. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 2004, p. 59-112.

HUE, Sheila (org.). *Primeiras cartas do Brasil (1551-1555)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

LAET, Johannes de. “Historia ou Annaes dos Feitos da Companhia Privilegiada das Índias Occidentaes desde o seu começo até ao fim do anno de 1636 por Joannes de Laet, Director da mesma Companhia”. *Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro*. Serializado nos volumes XXX, XXXIII, XXXVIII e XLI. Rio de Janeiro: Oficinas Graphicas da Bibliotheca Nacional, 1912-1925.

MARCGRAF, Georg. *História natural do Brasil*. Edição comemorativa do Museu Paulista. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1942.

MOERBEECK, Jan Andries. “Motivos porque a Companhia das Índias Ocidentais deve tentar tirar ao rei da Espanha a terra do Brasil” (1623). In: RODRIGUES, José Honório (org.). *Documentos Holandeses: os holandeses no Brasil*. Vol. I. Rio de Janeiro: Instituto do Açúcar e Alcool, 1942, p. 27-43.

MONTEIRO, Pe. Jácome. “Relação da Província do Brasil, 1610”. In: LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Tomo VIII. Belo Horizonte: Itatiaia, 2006, p. 393-426.

MOREAU, Pierre; BARO, Roulox. *História das últimas lutas no Brasil entre holandeses e portugueses e Relação da viagem ao país dos Tapuias*. Coleção Reconquista do Brasil, volume 54. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979.

MOUCHERON, Hendrik de; WALBEECK, Johannes van. “Relatório sobre a situação das Alagoas em outubro de 1643”. In: MELLO, José Antonio Gonsalves de (org.). *Fontes para a história do Brasil Holandês*. Volume II. 2ª edição. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 2004, p. 123-139.

NASSAU, João Maurício de. “Atas da Assembleia convocada pelo Conde de Nassau e Alto Conselho (1640)”. In: MELLO, José Antonio Gonsalves de (org.). *Fontes para a história do Brasil Holandês*. Volume II. 2ª edição. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 2004, p. 307-384.

_____. “Cartas Nassovianas: correspondência do Conde João Maurício de Nassau, governador do Brasil Hollandez, com os Estados Gerais (1637-1646)”. *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambuco*. Vol. X e XII. Recife: Typographia do “Jornal do Recife”, 1902-1907.

NIEUHOF, Johan. *Memorável viagem marítima e terrestre ao Brasil*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1981.

O MACHADÃO do Brasil ou Diálogo sobre a decadência do Brasil, entre Kees Jansz Schott, recémchegado d’aquelle paiz, e Jan Maet, caixeiro de negociante, que também alli esteve com

aquelle. Anno do Nosso Senhor de 1647. *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano*. Volume XIII. Recife: Typographia do Jornal do Recife, 1908, p. 125-170.

PISO, Willem. *História natural e médica da Índia Ocidental*. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1957.

PROVISÃO que prohiibe em todo o Estado do Brazil. com excepção de Pernambuco, a bebida de vinho de mel, aguardente e cachaça (1649). In: *Collecção chronologica da legislação Portugueza* (1648-1656). Segunda série. Lisboa: Imprensa de F. X. de Souza, 1856, p. 49-50.

PUDSEY, Cuthbert. *Brasil Holandês*, Volume III: Diário de uma estada no Brasil (1629-1640). Organização de Nelson Papavero e Dante Martins Teixeira. Petrópolis: Index, 2000.

PYRARD DE LAVAL, François. *Viagem de Francisco Pyrard, de Laval, contendo a noticia de sua navegação ás Indias Orientaes, Ilhas de Maldiva, Maluco, e ao Brazil, e os diferentes casos, que lhe aconteceram na mesma viagem nos dez annos que andou nestes paizes (1601-1611)*. Tomo II. Lisboa: Imprensa Nacional, 1862.

QUELEN, Augusto de. “Breve Relação do Estado de Pernambuco (1640)”. In: MELLO, José Antônio Gonsalves de (org.). *Fontes para a história do Brasil Holandês*. Volume II. 2ª edição. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 2004, p. 417-459.

REGISTRO de uma provisão do Governador Pedro da Silva sobre se não fazer aguardente (1636). In: *Documentos Historicos (1631-1637): patentes, provisões e alvarás*. Vol. XVI da série e XIV dos documentos da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro: Typographia Monroe, 1930, p. 396-399.

RICHSHOFFER, Ambrosius. *Diário de um soldado (1629-1632)*. Recife: CEPE, 2004.

SALVADOR, Frei Vicente do. *História do Brasil (1500-1627)*. 5ª edição. São Paulo: Melhoramentos, 1965.

SANTIAGO, Diogo Lopes. *História da guerra de Pernambuco e feitos memoráveis do mestre de campo João Fernandes Vieira herói digno de eterna memória, primeiro aclamador da guerra*. 1ª edição integral. Recife: CEPE, 1984.

SCHMALKALDEN, Caspar. *Brasil holandês: A viagem de Caspar Schmalkalden de Amsterdã para Pernambuco no Brasil*. Dois volumes. Organização de Cristina Ferrão e José Paulo Monteiro Soares. Rio de Janeiro: Index, 1998.

SOLER, Vicente Joaquim. *Brasil Holandês*, volume III: Dezessete cartas de Vicente Joaquim Soler (1636-1643). Organização de B. N. Teensma. Rio de Janeiro: Index, 1999.

SOUSA, Gabriel Soares de. *Tratado descritivo do Brasil*. Rio de Janeiro: Typographia de João Ignacio da Silva, 1879.

STERHENIUS, Enoch. “Brebe sucinta y berdadera narracion de la jornada al Brasil que algunos mercaderes ordenaron conlicencia y autoridad de los Ilustres señores estados y ordenes de olanda y zelanda en el ano de mil y seiscientos y veinte y tres”. In: VALENCIA Y

GUZMAN, Juan de. *Compendio Historial de la jornada del Brasil, 1625*. Recife: Pool Editorial, 1984, p. 343-371.

TAMAYO DE VARGAS, Tomás. *Restauracion de la ciudad del Salvador, y Baía de Todos-Santos, en la provincia del Brasil, por las armas de Don Philippe IV, el grande rei catholico de las Españas y Indias*. Madrid: Alonso Martin, 1628.

TEENSMA, B. N. (org.). *Brasil Holandês*, volume I: Documentos da Biblioteca Universitária de Leiden. Rio de Janeiro: Index, 1997.

VASCONCELOS, Pe. Simão de. *Noticias curiosas e necessarias sobre o Brazil*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1824.

VIEIRA, Pe. Antônio. *Cartas*. Volume 1. São Paulo: Globo, 2008.

_____. “Sermão pelo bom sucesso das armas de Portugal contra as da Holanda pregado na Igreja de N. S. da Ajuda, da cidade da Baía, com Santíssimo Sacramento exposto, sendo este último de quinze dias, nos quais em todas as igrejas da mesma cidade se tinham feito sucessivamente as mesmas deprecações no ano de 1640”. In: *Obras escolhidas*. Volume X, Sermões. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1954, p. 42-79.

WAGENER, Zacharias. “O ‘Thierbuch’ e a ‘Autobiografia’ de Zacharias Wagener”. In: FERRÃO, Cristina; SOARES, José Paulo Monteiro (org.). *Brasil holandês*. Volume II. Rio de Janeiro: Editora Index, 1997.

WIESEBRON, Marianne L. (org.). *O Brasil em arquivos neerlandeses (1624–1654)*. Série Maurítiana, vol. 2, 3 e 4. Leiden: Leiden University Press, 2005-2011.

Documentos complementares

AQUINO, Tomás de. “Os sete pecados capitais” (artigos selecionados extraídos das *Questões disputadas sobre o mal e da Suma teológica*). In: *Sobre o ensino (De magistro), Os sete pecados capitais*. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ANTONIL, André João. *Cultura e opulência do Brasil*. Coleção Reconquista do Brasil, v. 70. 3ª edição. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1982.

BLUTEAU, Rafael. *Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva, natural do Rio de Janeiro*. Dois tomos. Lisboa: Oficina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789.

D’EVREUX, Yves. *Viagem ao Norte do Brasil pelo padre Ivo D’Evreux*. São Luís do Maranhão: Typographia do Frias, 1874.

GÂNDAVO, Pero de Magalhães. *Tratado da terra do Brasil*. Edições do Senado Federal, volume 100. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2008.

Estudos

ABREU, J. Capistrano de. *Capítulos de história colonial (1500-1800)*. 6ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. *O trato dos viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul, séculos XVI e XVII*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ALGRANTI, Leia Mezan. “Famílias e vida doméstica”. In: SOUZA, Laura de Mello e (org.). *História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 83-154.

_____. “Saberes culinários e a botica doméstica: beberagens, elixires e mezinhas no Império português”. *Saeculum: revista de história (UFPB)*, v. 27, 2012, p. 13-28.

BOXER, Charles. *Os holandeses no Brasil (1624-1654)*. Coleção Brasileira, volume 312. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1961.

_____. *Salvador de Sá e a luta pelo Brasil e Angola (1602-1686)*. Coleção Brasileira, volume 353. São Paulo: Editora Nacional, Editora da Universidade de São Paulo, 1973.

_____. “Some reflections on the historiography of Colonial Brazil, 1950-1970”. In: ALDEN, Dauril (org.). *Colonial roots of Modern Brazil*. Berkeley, Los Angeles & London: University of California Press, 1973, p. 3-15.

BRAUDEL, Fernand. *Civilização Material, Economia e Capitalismo. Séculos XV-XVIII*. Volume I. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BUESCU, Ana Isabel. “À mesa do rei: cultura alimentar e consumo no século XVI”. In: FERNANDEZ, Máximo García; SÁ, Isabel dos Guimarães (org.). *Portas adentro: comer, vestir, habitar (ss. XVI-XIX)*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra; Valladolid: Secretariado de Publicaciones e Intercambio Editorial Universidad de Valladolid, 2010, p. 19-45.

CARNEIRO, Henrique; VENÂNCIO, Renato Pinto (org.). *Álcool e drogas na história do Brasil*. São Paulo: Alameda; Belo Horizonte: Editora PUCMinas, 2005.

_____. *Bebida, abstinência e temperança na história antiga e moderna*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010.

_____. *Bebidas alcoólicas e outras drogas na época moderna: economia e embriaguez do século XVI ao XVIII*. 2004. Disponível em: <http://www.neip.info/downloads/t_henrique_historia.pdf> Acessado em abril de 2016.

_____. *Comida e Sociedade: uma história da alimentação*. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

_____. *Pequena enciclopédia da história das drogas e bebidas: histórias e curiosidades sobre as mais variadas drogas e bebidas*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Geografia do Brasil Holandês: Presença holandesa no Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1956.

_____. *História da Alimentação no Brasil*. Segundo volume. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1968a.

_____. *Prelúdio da cachaça: etnografia, história e sociologia da aguardente no Brasil*. Coleção Canavieira, n. 1. Rio de Janeiro: Instituto do Açúcar e do Alcool, 1968b.

COURTWRIGHT, David T. *Forces of habit: drugs and the making of the modern world*. Third printing. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 2002.

DEL PRIORE, Mary; FIGUEIREDO, Luciano (org.). *Cachaça: alquimia brasileira*. Rio de Janeiro: 19 Design, 2005

_____. *Histórias da gente brasileira: volume 1: Colônia*. São Paulo: LeYa, 2016.

DUMAS, Alexandre. *Memórias gastronômicas de todos os tempos, seguido de Pequena história da culinária*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

FERNANDES, João Azevedo. “A Contenção e o Excesso: Bebida, Embriaguez e Identidades Étnicas no Brasil Holandês. (1630-1654)”. *Actas do Congresso Internacional Espaço Atlântico de Antigo Regime: Poderes e Sociedades*. Lisboa: Instituto Camões, 2005. v. 01, p. 1-17.

_____. “Liquid Fire: alcohol, identity, and social hierarchy in Colonial Brazil”. In: PIERCE, Gretchen; TOXQUI, Aurea (org.). *Alcohol in Latin America: a social and cultural history*. Tucson, Arizona: The University of Arizona Press, 2014, p. 46-66.

_____. *Selvagens Bebedeiras: álcool, embriaguez e contatos culturais no Brasil colonial (séculos XVI-XVII)*. São Paulo: Alameda, 2011.

_____. “Sobriedade e embriaguez: a luta dos soldados de Cristo contra as festas dos tupinambás”. *Tempo: revista digital de História do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense*. Número 22, janeiro de 2007, p. 98-121.

FLANDRIN, Jean-Louis; MONTANARI, Massimo (org.). *História da Alimentação*. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. 7ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. “Nietzsche, a genealogia e a história”. In: *Microfísica do poder*. 28ª edição. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2014, p. 55-86.

_____. “Sobre a arqueologia das ciências: resposta ao Círculo de Epistemologia”. In: *Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. Coleção Ditos e Escritos, volume II. 2ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005, p. 82-118.

FRAGOSO, João (org.). *O Brasil Colonial*. Volume 2. 1ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. *A Construção do Brasil na Literatura de Viagem nos séculos XVI, XVII e XVIII*: antologia de textos (1591-1808). Rio de Janeiro: José Olympio; São Paulo: Editora UNESP, 2012.

_____; RAMINELLI, Ronald (org.). *Andanças pelo Brasil Colonial*: catálogo comentado (1503-1808). São Paulo: Editora UNESP, 2009.

FRANÇOZO, Mariana de Campos. *De Olinda a Holanda*: o gabinete de curiosidades de Nassau. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande e senzala*: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 51ª edição. São Paulo: Global, 2006.

_____. *Sobrados e mucambos*: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano. 14ª edição. São Paulo: Global, 2004.

GOODMAN, Jordan; LOVEJOY, Paul E.; SHERRATT, Andrew. *Consuming habits*: global and historical perspectives on how cultures define drugs. Second edition. New York: Routledge, 2007.

HERKENHOFF, Paulo (org.). *O Brasil e os holandeses (1630-1654)*. Rio de Janeiro: GMT Editores; Sextante, 1999.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Caminhos e fronteiras*. 3ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_____. (org.). *História Geral da Civilização Brasileira*: a época colonial, volume 1. Tomo I, do descobrimento à expansão. 15ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

_____. *Raízes da Brasil*. 26ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. *Visão do paraíso*: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil. Coleção Grandes Nomes do Pensamento Brasileiro. São Paulo: Brasiliense; Publifolha, 2000.

HUE, Sheila. *Delícias do descobrimento*: a gastronomia brasileira no Século XVI. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

KIPLE, Kenneth F.; ORNELAS, Kriemhild Coneè (org.). *The Cambridge World History of Food*. Two volumes. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2000.

LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Tomo VIII. Belo Horizonte: Itatiaia, 2006.

MARTIN, A. Lynn. "The reform of popular drinking in late medieval and early modern Europe". In: KIRBY, Diane; LUCKINS, Tanja (org.). *Dining on turtles*: food feasts and drinking in History. New York, NY: Palgrave Macmillan, 2007, p. 121-135.

MELLO, Evaldo Cabral de. *A ferida de Narciso: ensaio de história regional*. São Paulo: Editora SENAC, 2001.

_____. (org.). *O Brasil Holandês (1630-1654)*. 1ª reimpressão. São Paulo: Penguin Classics, 2010.

_____. *Olinda Restaurada: guerra e açúcar no Nordeste, 1630-1654*. 2ª edição, revisada e aumentada. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998.

MELLO, José Antônio Gonsalves de. *Tempo dos flamengos: influência da ocupação holandesa na vida e na cultura do norte do Brasil*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2007.

MIRANDA, Bruno R. F. “Doentes e incapazes para marchar’: vida e morte no exército da Companhia Neerlandesa das Índias Ocidentais no Nordeste do Brasil, 1630-1654”. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, abril-junho de 2015, p. 337-353.

_____; et al (org.). *Essa parte tão nobre do corpo da monarquia: poderes, negócios e sociabilidades em Pernambuco colonial. Séculos XVI-XVIII*. Recife: Editora UFPE, 2016.

_____. *Gente de Guerra: origem, cotidiano e resistência dos soldados do exército da Companhia das Índias Ocidentais no Brasil (1630-1654)*. 1ª edição. Recife: Editora UFPE, 2014.

MONTANARI, Massimo. *A fome e a abundância: história da alimentação na Europa*. Bauru: EDUSC, 2003.

NASCIMENTO, Rômulo L. X. “Navegar, sim, comer... pouco’: algumas observações acerca da navegação e abastecimento no Brasil holandês”. In: POSSAMAI, Paulo César (org.). *Conquistar e defender: Portugal, Países Baixos e Brasil*. Estudos de história militar na Idade Moderna. São Leopoldo: Oikos, 2012, p. 157-175.

NETSCHER, P. M. *Os holandeses no Brasil: notícia histórica dos Países-Baixos e do Brasil no século XVII*. Série 5ª, Brasileira, vol. 220. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942.

PANEGASSI, Rubens Leonardo. *O pão e o vinho da terra: alimentação e mediação cultural nas crônicas quinhentistas sobre o Novo Mundo*. São Paulo: Alameda, 2013.

PAPAVERO, Claude Guy. “Alegrias e desventuras do paladar: a alimentação no Brasil holandês”. *Revista de Nutrição*. Campinas: PUCCAMP, jan/fev. 2010, vol. 23, no.1, p. 137-147.

PEREIRA, Moacir Soares. *Capitães, naus e caravelas da armada de Cabral*. Coimbra: Imprensa de Coimbra, 1979.

PICKEL, D. Bento José. *Flora no Nordeste do Brasil segundo Piso e Marcgrave no século XVII*. Recife: EDUFRPE, 2008.

PUNTONI, Pedro. *A mísera sorte: a escravidão africana no Brasil holandês e as guerras do tráfico no Atlântico Sul, 1621-1648*. São Paulo: Hucitec, 1999.

RAMINELLI, Ronald. *Imagens da colonização: a representação do índio de Caminha a Vieira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

RODRIGUES, José Honório; RIBEIRO, Joaquim. *Civilização holandesa no Brasil*. Série 5ª, Brasileira, vol. 180. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940.

_____. *Historiografia e bibliografia do domínio holandês no Brasil*. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1949.

SCARANO, Julita. “Bebida alcoólica e sociedade colonial”. In: JANCSÓ, István; KANTOR, Íris (org.). *Festa: cultura e sociabilidade na América Portuguesa*. Vol. II. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001, p. 467-484.

SCHALKWIJK, Frans Leonard. *Igreja e Estado no Brasil holandês, 1630-1654*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

SCHAMA, Simon. *O desconforto da riqueza: a cultura holandesa na Época de Ouro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.). *Leituras críticas sobre Evaldo Cabral de Mello*. Belo Horizonte: Editora da UFMG; São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2008.

SCHWARTZ, Stuart B.; ISRAEL, Jonathan. *The Expansion of Tolerance: religion in Dutch Brazil (1624-1654)*. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2007.

_____. “The Voyage of the Vassals: royal power, noble obligations, and merchant capital before the portuguese Restoration of Independence”. *The American Historical Review*. Vol. 96, n. 03, jun. 1991, p. 735-762.

SILVA, Leonardo Dantas. *Holandeses em Pernambuco, 1630-1654*. 3ª edição. Recife: Instituto Ricardo Brennand, 2011.

SLUITER, Engel. “Os holandeses no Brasil antes de 1621”. *Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano*. Vol. XLVI. Recife: Typographia do Recife, 1967, p. 187-207.

SOUZA, Laura de Mello e. “Formas provisórias de existência: a vida cotidiana nos caminhos, nas fronteiras e nas fortificações”. In: _____ (org.). *História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 41-81.

STRAATEN, Harald S. van der. *Brasil: um destino*. Brasília: Linha Gráfica Editora, 1998.

VEYNE, Paul. *Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história*. 4ª edição. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2014.

_____. *Foucault: seu pensamento, sua pessoa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

VIGARELLO, Georges; PORTER, Roy. “Corpo, saúde e doenças”. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (org.). *História do corpo: da Renascença às Luzes*. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 441-486.

_____. *História das práticas de saúde: a saúde e a doença desde a Idade Média*. Lisboa: Notícias Editorial, 2001.

VIOTTI, Ana Carolina de Carvalho. *As práticas e os saberes médicos no Brasil colonial (1677-1808)*. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2017.

WÄTJEN, Hermann. *O domínio colonial holandês no Brasil: um capítulo na história colonial do século XVII*. Recife: CEPE, 2004.

WHITEHEAD, P. J. P.; BOESEMAN, M. *Um retrato do Brasil Holandês do século XVII: animais, plantas e gente pelos artistas de Johan Maurits de Nassau*. Rio de Janeiro: Livraria Kosmos Editora, 1989.

ZUMTHOR, Paul. *A Holanda no tempo de Rembrandt*. São Paulo: Companhia das Letras, Círculo do Livro, 1989.

APÊNDICES

BEBIDAS PRODUZIDAS NO BRASIL À ÉPOCA DA CONQUISTA HOLANDESA

GÊNERO BASE	NOMENCLATURAS*	OUTRAS INFORMAÇÕES
Ananás	<i>Nanâi</i>	Fabricavam o vinho tanto da fruta madura quanto imatura, que daria um licor mais azedo e muito quisto entre as gentes. Os testemunhos afirmam que a bebida produzida era muito forte, a das mais embriagantes feitas na terra, e de bom gosto.
Arroz	---	Era mastigado, assim como a mandioca, o milho e a batata, antes de ser posto a fermentar.
Banana (<i>Pacóba</i> ou <i>pacova</i>)	<i>Pacobí</i>	---
Batata (<i>Patáta</i>)	---	Mastigada e cuspidada para fermentar.
Cajá	---	---
Caju	---	Para produzi-la, socavam os frutos no almofariz ou os espremiavam com as mãos, coando o caldo e deixando-o assentar até que ficasse branco como leite, empalidecendo gradativamente com o passar de alguns dias. Dizia-se ser forte e ter sabor adstringente e acre, mas bastante agradável, especialmente com a adição de açúcar.
Cana-de-açúcar	Garapa, vinho de mel, <i>agoardente</i> , aguardente de mel, aguardente de açúcar, cachaça, vinho de cachaça.	Os processos de fabrico das bebidas a partir dos substratos da cana eram diversos: fermentavam, com a adição de água, a escuma do açúcar, retirada das caldeiras, que resultava no que era comumente denominado como <i>garapa</i> ; também chamavam de garapa a bebida resultante da mistura de açúcar preto e água – que ocasionalmente contava com a adição de folhas de cajueiro. Havia também as aguardentes, resultantes da destilação dessas variadas formas fermentadas dos substratos da produção açucareira. Em geral, essas bebidas eram tidas como detestáveis pelos europeus letrados, que as associavam aos escravos e à degradação dos soldados batavos que com elas se embriagavam frequentemente.
Caraguatá (bromélia)	---	---

Catolé (fruto da palmeira <i>Aqué</i>)	---	---
Coco	---	---
Ietica (batata doce)	---	---
Jabuticaba	---	---
Jenipapo	---	---
Mandioca (macaxera, aipim)	<i>Cavicaracu</i> ; <i>Cacimacaxera</i> ; <i>Aipy</i> (nomenclatura genérica).	Produziam-se duas bebidas, que diferiam de acordo com as técnicas empregadas na feitura: a raiz podia ser mastigada, cuspidada e cozida com água (<i>Cavicaracu</i>); ou partida, socada e também cozida (<i>Cacimacaxera</i>). Bebiam-nas mornas, e dizia-se que o sabor era agradável e um pouco ácido.
Mangaba	---	---
Mel silvestre	---	O gênero produzia um vinho muito forte e abstergente, e que, para deixá-lo mais temperado, mais suave, era preciso expô-lo aos orvalhos noturnos ou misturá-lo a água fresca, feito hidromel.
Milho (abati)	---	Vinho muito apreciado pelos mestiços e portugueses do Quinhentos. À época dos holandeses, tem-se notícia de uma bebida feita com milho e mel selvagem. Provavelmente o licor era fermentado a partir do primeiro e adoçado com o segundo. Era mastigado antes de ser posto a fermentar.
Raiz de urucuzeiro	---	---
Seiva da palmeira <i>Airi</i>	---	---
Sumo do coqueiro <i>inaia guacuiba</i>	---	---

*Apesar de nem todas as bebidas gozarem de nomenclaturas distintas, vale ressaltar que, com algumas ressalvas para as variedades destiladas a partir da cana-de-açúcar, todas eram denominadas “vinhos”, de maneira geral, cabendo ao gênero base de sua feitura a função distinta.

BIBLIOGRAFIA DO QUADRO

BRANDÃO, Ambrósio Fernandes. *Diálogo das grandezas do Brasil*. Edições do Senado Federal, n. 134. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2010.

BULLESTRATE, Adriaen van; HAMEL, Hendrick; JANSEN BAS, Pieter. “Relatório apresentado por escrito aos Nobres e Poderosos Senhores Deputados do Conselho dos XIX, e entregue pelos Senhores H. Hamel, Adriaen van Bullestrate e P. Jansen Bas, sobre a situação e a organização dos referidos países, tal como se encontravam ao tempo de seu governo e de sua partida dali”. In: MELLO, José Antonio Gonsalves de (org.). *Fontes para a história do Brasil Holandês*. Volume II. 2ª edição. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 2004, p. 205-300.

CARDIM, Fernão. *Tratados da terra e gentes do Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria J. Leite, 1925.

CARPENTIER, Servaes. “Relatório sobre a Capitania da Paraíba em 1635, pelo Sr. Dr. Servaes Carpentier, Conselheiro Político e Diretor da mesma Capitania”. In: MELLO, José Antonio Gonsalves de (org.). *Fontes para a história do Brasil Holandês*. Volume II. 2ª edição. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 2004, p. 41-52.

DIÁRIO da viagem do capitão João Blaer aos Palmares em 1645. *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano*. Vol. X, n. 56. Recife: Typographia do “Jornal do Recife”, 1902, p. 87-96.

DUSSEN, Adriaen van der. “Relatório sobre o estado das capitanias conquistadas no Brasil, apresentado pelo Senhor Adriaen van der Dussen ao Conselho dos XIX na Câmara de Amsterdã, em 4 de abril de 1640.” In: MELLO, José Antonio Gonsalves de (org.). *Fontes para a história do Brasil Holandês*. Volume I. 2ª edição. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 2004, p. 137-232.

HERCKMANS, Elias. “Descrição geral sobre a capitania da Paraíba”. In: MELLO, José Antonio Gonsalves de (org.). *Fontes para a história do Brasil Holandês*. Volume II. 2ª edição. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 2004, p. 59-112.

HUE, Sheila. *Delícias do descobrimento: a gastronomia brasileira no Século XVI*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

____ (org.). *Primeiras cartas do Brasil (1551-1555)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

MARCGRAF, Georg. *História natural do Brasil*. Edição comemorativa do Museu Paulista. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1942.

MELLO, José Antônio Gonsalves de. *Tempo dos flamengos: influência da ocupação holandesa na vida e na cultura do norte do Brasil*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2007.

MIRANDA, Burno R. F. *Gente de Guerra: origem, cotidiano e resistência dos soldados do exército da Companhia das Índias Ocidentais no Brasil (1630-1654)*. 1ª edição. Recife: Editora UFPE, 2014.

MOREAU, Pierre; BARO, Roulox. *História das últimas lutas no Brasil entre holandeses e portugueses e Relação da viagem ao país dos Tapuias*. Coleção Reconquista do Brasil, volume 54. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979.

NIEUHOF, Johan. *Memorável viagem marítima e terrestre ao Brasil*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1981.

PISO, Willem. *História natural e médica da Índia Ocidental*. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1957.

PROVISÃO que proíbe em todo o Estado do Brazil. com excepção de Pernambuco, a bebida de vinho de mel, aguardente e cachaça (1649)". In: *Collecção chronologica da legislação Portugueza* (1648-1656). Segunda série. Lisboa: Imprensa de F. X. de Souza, 1856, p. 49-50.

PUDSEY, Cuthbert. *Brasil Holandês*, Volume III: Diário de uma estada no Brasil (1629-1640). Organização de Nelson Papavero e Dante Martins Teixeira. Petrópolis: Index, 2000.

PYRARD DE LAVAL, François. *Viagem de Francisco Pyrard, de Laval, contendo a noticia de sua navegação ás Indias Orientaes, Ilhas de Maldiva, Maluco, e ao Brazil, e os diferentes casos, que lhe aconteceram na mesma viagem nos dez annos que andou nestes paizes (1601-1611)*. Tomo II. Lisboa: Imprensa Nacional, 1862.

REGISTRO de uma provisão do Governador Pedro da Silva sobre se não fazer aguardente (1636). In: *Documentos Historicos (1631-1637): patentes, provisões e alvarás*. Vol. XVI da série e XIV dos documentos da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro: Typographia Monroe, 1930, p. 396-399.

SOUSA, Gabriel Soares de. *Tratado descritivo do Brasil*. Rio de Janeiro: Typographia de João Ignacio da Silva, 1879.

VASCONCELOS, Pe. Simão de. *Noticias curiosas e necessarias sobre o Brazil*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1824.

WAGENER, Zacharias. "O 'Thierbuch' e a 'Autobiografia' de Zacharias Wagener". In: FERRÃO, Cristina; SOARES, José Paulo Monteiro (org.). *Brasil holandês*. Volume II. Rio de Janeiro: Editora Index, 1997.

QUADRO DE AUTORES CONSULTADOS

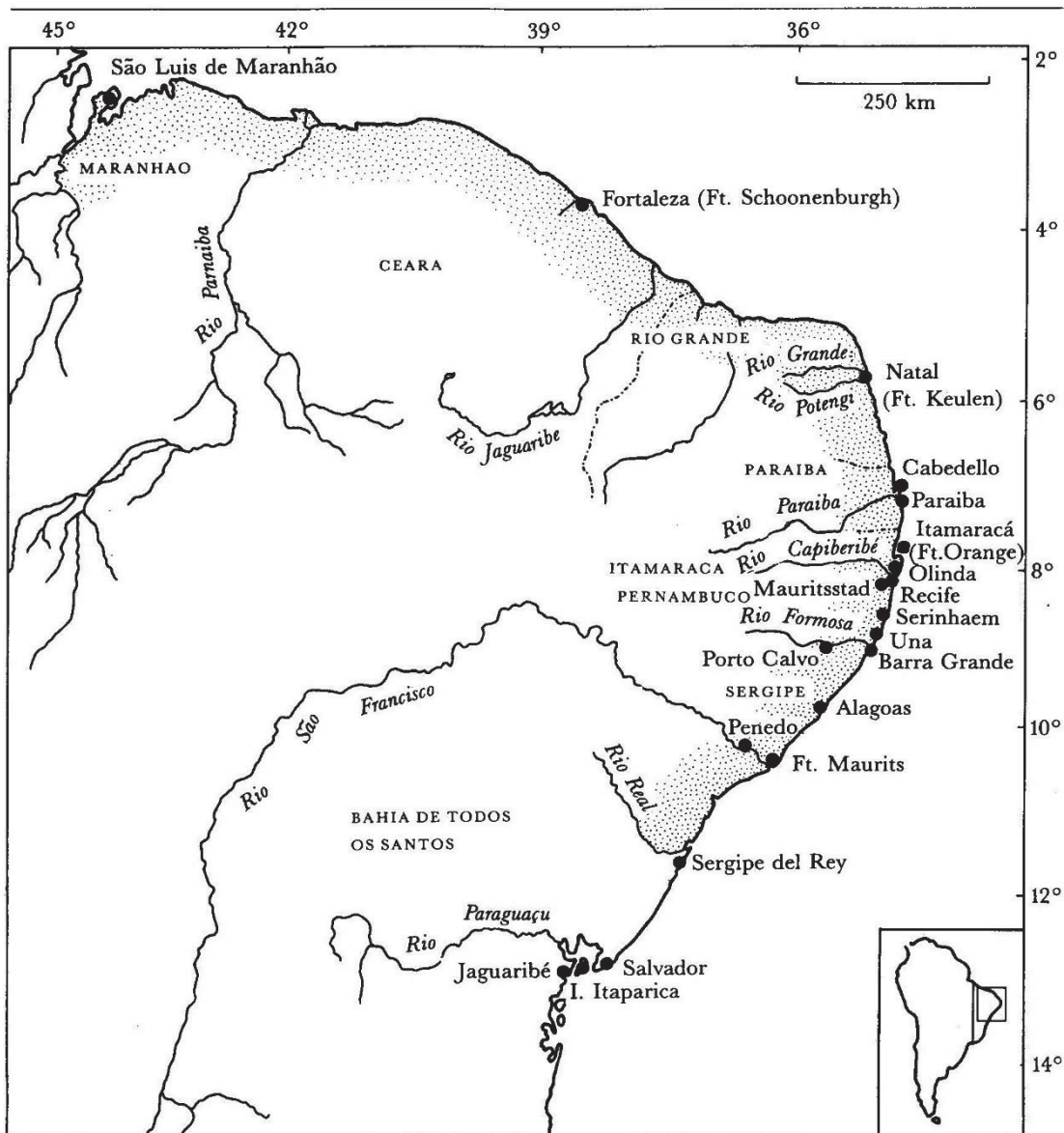
NOME	NACIONALIDADE	OCUPAÇÃO	PASSAGEM OU ESTADIA NO BRASIL
ANÔNIMO (<i>A Plaine and true relation...</i>)	?	?	1624-5
Johann Gregor ALDENBURGK	Alemão	Soldado	1624-5
José de ANCHIETA	Espanhol	Jesuíta	1553-1597
Joannes BAERS	Holandês	Reverendo calvinista	1630
Gaspar BARLÉU*	Holandês	Cronista	---
Mathias BECK	?	Aventureiro	?-1654
Ambrósio Fernandes BRANDÃO	Português	Senhor de engenho	Por volta de 1583-1618
Adriaen van BULLESTRATE	Holandês	Alto e Secreto Conselheiro	1640-1647
Manoel CALADO	Português	Pregador da Ordem de São Paulo	Início da década de 1620-1646
Fernão CARDIM	Português	Jesuíta	1583-1598; 1603-1625
Servaes CARPENTIER	Holandês	Conselheiro Político; governador; assessor do Alto e Secreto Conselho; médico	1630-1646 (com breve retorno às Províncias Unidas em 1637)
Mathias van CEULLEN	Holandês	Alto e Secreto Conselheiro	1637-1644
Duarte de Albuquerque COELHO	Português	Donatário da capitania de Pernambuco	1631-1638
Yves D'EVREUX	Francês	Padre capuchinho	1612-1614
Adriaen van der DUSSEN	Holandês	Alto e Secreto Conselheiro	1637-1639
Pero de Magalhães GÂNDAVO	Português	Cronista	Durante o governo de Mem de Sá (1558-1572)
Nicolaes de GRAEFF	Holandês	Médico e viajante	1649-1653
Bartolomeu GUERREIRO*	Português	Jesuíta	---
Hendrik HAECX	Holandês	Alto Comissário da WIC e membro do Alto Governo	1645-1654 (com breve retorno às Províncias Unidas em 1647)
Peter Hansen HAJSTRUP	Dinamarquês	Soldado raso; escrevente	1644-1654

Hendrick HAMEL	Holandês	Alto e Secreto Conselheiro	1640-1647
Elias HERCKMANS	Holandês	Conselheiro Político; Diretor de territórios; poeta e dramaturgo	1635-1644 (com breve retorno às Províncias Unidas em 1642 e participação em uma expedição enviada ao Chile, entre 42 e 43)
Pieter JANSEN BAS	Holandês	Conselheiro Político; Diretor de territórios; Alto e Secreto Conselheiro	1638-1647
Johannes de LAET*	Holandês	Geógrafo e um dos XIX Diretores da WIC	---
François PYRARD DE LAVAL	Francês	Aventureiro	1610
Georg MARCGRAF	Alemão	Naturalista e astrônomo	1638-1644
Jan Andries MOERBEECK*	Holandês	?	---
Jácome MONTEIRO	Português	Jesuíta	1607-1610
Pierre MOREAU	Francês	Secretário de um dos membros do Alto Governo	1645-1648
Hendrik de MOUCHERON	Holandês	Advogado fiscal junto ao Conselho Político; Diretor de territórios	1640-1650
João Maurício de NASSAU	Alemão	Conde, governador, capitão e almirante-general	1637-1644
Johan NIEUHOF	Alemão	Agente comercial e funcionário da WIC	1640-1649
Manuel da NÓBREGA	Português	Jesuíta	1549-1570
Willem PISO	Holandês	Médico	1637-1644
Cuthbert PUDSEY	Inglês	Mercenário	1630-1640
Augusto DE QUELEN	Francês	Aventureiro e comerciante	1638-1639
Ambrosius RICHSHOFFER	Alemão	Soldado	1630-1632

Vicente do SALVADOR	Luso-brasileiro	Padre franciscano	Nascido no Brasil em 1564, estudou em Coimbra, retornou à América portuguesa por volta de 1587 e aqui exerceu seu ofício até a morte, em 1636.
Diogo Lopes SANTIAGO	Português	Cronista gramático e	Sabe-se que estava em Pernambuco desde antes da invasão holandesa, em 1630, e que aqui permaneceu após a rendição dos batavos em 1654.
Caspar SCHMALKALDEN	Alemão	Soldado aventureiro e	1642-1645
Vicente Joaquim SOLER	Espanhol	Ministro calvinista	1636-1644
Gabriel Soares de SOUSA	Português	Senhor de engenho e funcionário do governo da Bahia	Década de 1560-1591
Enoch STERHENIUS	Holandês	Predicante calvinista	1624-5
Tomás TAMAYO DE VARGAS*	Espanhol	Cronista real	---
Simão de VASCONCELOS	Português	Jesuíta	1615-1671
Antônio VIEIRA	Português	Jesuíta	Em idas e vindas entre Brasil e a Europa ao longo da vida, esteve na América portuguesa entre 1614 e 1697.
Diederick van WAERDENBURGH	Holandês	Coronel governador da conquista e	1630-1633
Zacharias WAGENER	Alemão	Soldado, cartógrafo, desenhista, escrivão e despenseiro	1634-1641
Johannes van WALBEECK	Holandês	Cartógrafo e assessor do Alto e Secreto Conselho	1630-1633; 1640-1646

*Autores que não estiveram no Brasil.

EXTENSÃO MÁXIMA DA OCUPAÇÃO HOLANDESA NO NORTE DO BRASIL, 1643



Fonte: WHITEHEAD, P. J. P.; BOESEMAN, M. *Um retrato do Brasil Holandês do século XVII: animais, plantas e gente* pelos artistas de Johan Maurits de Nassau. Rio de Janeiro: Livraria Kosmos Editora, 1989, p. 18.

CRONOLOGIA

Na presente cronologia, foram privilegiados momentos importantes do período em que os holandeses e a Companhia Neerlandesa das Índias Ocidentais (WIC) ocuparam as principais capitânicas do norte do Brasil, assim como acontecimentos anteriores, posteriores ou exteriores ao que se passou naquelas paragens entre 1624 e 1654. Também foram listados alguns episódios que foram citados ao longo deste estudo.

1621: Fim da trégua de doze anos entre a Espanha e as Províncias Unidas, e fundação da Companhia das Índias Ocidentais.

1624: Forças da WIC invadem e ocupam Salvador.

1625: Armada luso-espanhola reconquista a Baía de Todos os Santos.

1630: Tropas da WIC tomam Olinda e Recife. Diederick van Waerdenburgh assume como governador da conquista e o Conselho Político é instalado.

1632: Investidas contra a resistência portuguesa em Iguarassú e em Barra Grande.

1633-4: Expansão da conquista a Itamaracá, Paraíba e Rio Grande. Van Waerdenburgh retorna às Províncias Unidas e o Conselho Político passa a ser encabeçado provisoriamente por dois diretores delegados.

1635: As forças holandesas tomam o Arraial do Bom Jesus e o Cabo de Santo Agostinho, principais concentrações da resistência luso-brasileira. Também investem contra Porto Calvo mas perdem a praça pouco depois, sitiada pelas forças de Matias de Albuquerque, então em retirada, juntamente com grande parte da população do interior dos territórios ao norte do rio São Francisco, para a Bahia.

1636: Vitória holandesa na batalha de Mata Redonda, nos arredores de Porto Calvo.

1637: O Conde João Maurício de Nassau assume o governo do Brasil holandês no Recife, trazendo consigo uma comitiva de artistas e diplomados em diversas áreas de conhecimento a fim de documentar as terras conquistadas. A administração fica a cargo do Alto e Secreto Conselho, sob a liderança de Nassau. Tentativas de organização político-administrativa e reativação da indústria açucareira, debilitada pela guerra, são levadas a cabo pelo governo. Tomada definitiva de Porto Calvo. Ocupação do Ceará. Conquista do forte português e feitoria de escravos de São Jorge da Mina, na África Ocidental.

1638: Nova investida contra Salvador, capitaneada pelo próprio Conde de Nassau, mas fracassada.

1639: Início da construção do palácio de Nassau, chamado Vrijburg, e da Cidade Maurícia, na ilha de Antônio Vaz.

1640: Restauração da monarquia portuguesa e início do reinado de D. João IV.

1641: Tratado prevendo armistício de dez anos é assinado entre Portugal e as Províncias Unidas. No Brasil, uma trégua é acordada entre a administração nassoviana e o governo na Bahia, sob o Marquês de Montalvão, Jorge de Mascarenhas. Tomada da feitoria de escravos de São Paulo de Luanda, em Angola. Presença holandesa em Sergipe e no Maranhão.

1643: Medidas tomadas no intuito de repovoar as Alagoas, terras de enorme potencial produtivo e esvaziadas pela saída dos antigos moradores portugueses. Envio da expedição ao Chile.

1644: O Conde de Nassau, finalmente dispensado pelos Diretores da WIC do governo da conquista depois de inúmeros pedidos no decorrer dos anos anteriores, retorna às Províncias Unidas, sendo substituído pelo triunvirato formado pelos Altos Conselheiros Adriaen van Bullestrate, Hendrik Hamel e Dirck Codde van der Burgh – este, falecido poucos meses após a partida do Conde, é, então, substituído por Pieter Jansen Bas.

1645: Expedição sob o comando de Johan Blaer enviada a Palmares. Início da insurreição em Pernambuco. Após as batalhas do Monte das Tabocas e da Casa Forte, as forças neerlandesas ficam confinadas ao Recife, sitiado por meses até o ano seguinte, e às faixas litorâneas pelos insurretos.

1646: Frota neerlandesa com suprimentos e reforços põe fim do cerco do Recife. Chegada dos membros apontados para compor o Alto Governo, substituindo o Alto e Secreto Conselho após inúmeras denúncias e queixas.

1648: Por meio do Tratado de Münster, a Espanha reconhece a independência da República das Províncias Unidas dos Países Baixos. Primeira batalha dos Guararapes e triunfo luso-brasileiro.

1649: Expedição em busca de minas de prata liderada por Mathias Beck é enviada ao Ceará. Segunda batalha dos Guararapes, igualmente vencida pelos insurretos.

1654: Luso-brasileiros reconquistam o Recife e as guarnições litorâneas, expulsando as forças batavas e pondo fim ao Brasil holandês, com a assinatura da capitulação de Taborda.

1658-61: Negociações que culminam na assinatura do Tratado de Haia, que previa o reconhecimento da soberania lusa no norte do Brasil por parte dos holandeses mediante pagamento de indenização pela Coroa portuguesa – quitada apenas nos primeiros anos do século seguinte.